

USO ARRISCADO DE ÁLCOOL ENTRE ESCOLARES DE DUAS CIDADES DO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO

SILVA, Adilson Gonçalves da¹
GIMENIZ-PASCHOAL, Sandra Regina²

Resumo: Bebida alcoólica e os fatores associados ao consumo dessa substância entre adolescentes preocupam autoridades ligadas à educação e à saúde. Este estudo teve como objetivo investigar o uso arriscado de álcool entre escolares do ensino fundamental. O estudo foi realizado em duas cidades do interior de São Paulo. Participaram 54 alunos de uma cidade com 5.000 habitantes (Cidade A) e 53 alunos de uma cidade de 35.000 habitantes (Cidade B). Foi aplicado em sala de aula um questionário de rastreamento sobre o uso de álcool (AUDIT). Nos resultados se observa que o percentual de participantes que atingiu pontuação acima de 7 pontos, foi de 25,9% para a Cidade A e 11,3% para a cidade B. Concluiu-se que houve maior frequência de alunos fazendo uso arriscado de álcool entre os escolares da cidade com menor número de habitantes, havendo diferenças significativas ($p \leq 0,001$). Novos estudos são necessários, a fim de se identificar possíveis variáveis envolvidas nos resultados entre as cidades.

Palavras-chave: Adolescente, Bebidas Alcoólicas, Fatores de Risco.

Abstract: Alcoholic beverage and the factors associated with the consumption of this substance among teenagers worry authorities linked to education and health. This study aimed to investigate the use of risky alcohol among schoolchildren. The study was conducted in two cities in the countryside of São Paulo. Attended by 54 students of a city with 5,000 inhabitants (City A) and 53 students in a city of 35,000 inhabitants (City B). It was applied in the classroom a questionnaire for screening on the use of alcohol (AUDIT). In the results it notes that the percentage of participants who reached score above 7 points, was 25.9 % for the City A and 11.3 % for the city B. It was concluded that there was a greater frequency of students doing risky use of alcohol among students of the city with the lowest number of inhabitants, there are significant differences ($p \leq 0.001$). Further studies are needed to identify possible variables involved in the results between the cities.

Key-words: Adolescent, Alcoholic Beverages, Risk Factors.

1 Pedagogo, Mestre e Doutorando em Educação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” UNESP-Marília, integrante do Grupo de Pesquisa Educação e Acidentes (EDACI). adilson.gsilva@bol.com.br. Trabalho decorrente da Dissertação de Mestrado “Acidentes e Uso de Álcool entre Escolares do Ensino Fundamental que participaram ou não do PROERD”.

2 Docente do Programa de Pós Graduação em Educação, do Programa de Pós Graduação em Fonoaudiologia e do Departamento de Fonoaudiologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” UNESP-Marília. Psicóloga, Mestre, Doutora e Livre Docente em Psicologia. sandragp@marilia.unesp.br.

Introdução

As informações que se tem sobre a bebida alcoólica remontam à pré-história, com seu uso destinado à composição de remédios e aos rituais religiosos. No antigo testamento também são encontradas diversas referências ao vinho (ESCOHOTADO, 1994). A contradição identificada no uso do álcool se refere ao seu potencial para proporcionar comunhão e alegria, ao mesmo tempo em que estimula a violência e provoca transtornos físicos e psicológicos (GIGLIOTTI; BESSA, 2004).

Seigel (1989) sugere que o uso de substâncias psicoativas atende à satisfação de um “quarto impulso”, algo parecido com a satisfação dos impulsos da fome, da sede e do sexo. O autor indica que os animais também buscam essa satisfação em seu ambiente natural, por meio de alimentos que produzem alta fermentação.

A despeito do uso cultural ou biologicamente amparado, a bebida alcoólica causa dificuldades ao seu usuário. Em 1976, os pesquisadores Griffith Edwards e Milton Gross investigaram a existência de uma síndrome relacionada ao uso nocivo do álcool, propondo a Síndrome de Dependência do Álcool (SDA). Essa síndrome surge da interação do indivíduo com a bebida e com o seu próprio ambiente. Tal síndrome tem como principal diagnóstico o aparecimento de sintomas de abstinência em relação à bebida (GIGLIOTTI; BESSA, 2004).

A presença do álcool também tem sido detectada em pessoas que foram a óbito. Em estudo abrangente, realizado por Nappo e Galduróz (1996), foram analisados laudos cadavéricos do IML em São Paulo, confeccionados entre os anos de 1987 e 1992. Dentre 120.111 laudos cadavéricos analisados, 18.263 (15,2%) foram positivos para o teste de alcoolemia. Resultados semelhantes foram encontrados em outro estudo realizado em 1997 pela associação Brasileira dos Departamentos de Trânsito, em que 865 vítimas de acidentes foram estudadas e, deste total, 27,2% apresentou alcoolemia acima dos 0,6% g/l, limite tolerado pela lei em vigência na época em que a pesquisa foi conduzida (ABDETRAN, 1997).

A relação entre bebida alcoólica e morbidade por causas externas tem sido documentada. Mascarenhas et al (2009) desenvolveram um estudo de corte transversal, com uma amostra em serviços específicos de emergência durante um mês em 2006 e um mês em 2007. Foram entrevistadas 106.075 vítimas de violências e acidentes, em atendimentos por causas externas, dos quais 90% se tratavam de acidentes e 10% decorrentes de violência. A referência a suspeita de uso de álcool foi de 37,9% entre as vítimas de violência e 8% em relação às vítimas de acidentes. Entre as vítimas de agressões foi identificada suspeita de ingestão de bebida alcoólica por 39,1% dos atendimentos e o local mais frequente foram os bares (78,2%).

Muitos pesquisadores têm se preocupado com o consumo de bebida alcoólica também por adolescentes, investigando possíveis variáveis que possam influenciar os jovens a usarem e

USO ARRISCADO DE ÁLCOOL ENTRE ESCOLARES DE DUAS CIDADES DO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO

até abusarem de tais substâncias, adotando comportamentos de risco em consequência da alcoolemia, expondo sua integridade física e moral por meio de acidentes, comas alcoólicos, abusos sexuais (NASH, MCQUEEN; BRAY, 2005; PICHEROT et al, 2007; MARTINS et al, 2008; KELLY et al, 2012), agressões e suicídios (MASCARENHAS et al, 2009). Relatório do UNICEF, publicado em 2001, e que trata da mortalidade de crianças e adolescentes, destaca que 98% das mortes de crianças e de jovens, causadas por injúrias físicas, estão concentradas nos países em desenvolvimento. Entre outras causas, uma das principais razões para o alto índice de mortalidade é a falta de cuidados essenciais à saúde e à segurança física e psíquica, além da presença de pais usuários de bebida alcoólica e outras drogas (UNICEF, 2001). A vulnerabilidade do adolescente ao uso de bebidas alcoólicas potencializa as consequências de uso dessa substância, e está relacionada ao desenvolvimento puberal que o adolescente vivencia. A busca de sensações, o relacionamento problemático com os pais e episódios de depressão, pelos quais muitos jovens se deparam nessa faixa etária podem favorecer o uso de álcool e expor o jovem a acidentes e violência (KELLY et al, 2012). Na pesquisa conduzida por Carlini et al (2007), quando perguntado sobre os sinais e sintomas em decorrência do uso de álcool, foi identificado aumento de 1,1% (2001) para 4,8% (2005) para os riscos físicos sob efeito de álcool ou logo após o efeito, entre jovens de 12 a 17 anos de idade.

Um dos fatores que se tem investigado é a influência direta e indireta exercida pela mídia, por meio das propagandas de bebida alcoólica, sobre os adolescentes, tornando-os ainda mais suscetíveis ao consumo da substância e consequentes intoxicações alcoólicas (PICHEROT et al, 2007). A influência de pares também tem sido identificada como variável relevante na adoção de comportamentos alcoolistas pelos jovens, constatando-se a necessidade de acompanhamento pelos pais, no processo de interação social dos filhos e sua consequente inserção em grupos de pares (KELLY et al, 2012). Nash, Mcqueen e Bray (2005) identificaram que a desaprovação dos pais em relação ao consumo de álcool feito por seus filhos adolescentes, ou mesmo pelos colegas de seus filhos, já sinalizam como variável importante para adoção de comportamentos de saúde por parte dos jovens.

Estudos encontrados sobre o uso de bebidas alcoólicas entre escolares dos ensinos fundamental e médio, em diferentes cidades (CARLINI et al, 2002; GALDURÓZ et al, 2004; SILVA et al, 2006; CARLINI et al, 2007; MARTINS et al, 2008), constatam algumas variações em relação à frequência do uso de álcool, dependendo da região estudada. Mas as diferenças entre os diversos instrumentos de pesquisa ou ainda dos métodos utilizados nesses estudos dificultam uma leitura clara a respeito das taxas de acidentes e do uso nocivo da bebida alcoólica, de forma a possibilitar comparações. Carlini et al (2002) também realizaram em 2001, uma pesquisa sobre o uso de drogas psicoativas com 8.589 entrevistados, em 107 cidades do Brasil com mais de 200.000 habitantes, e encontraram que a dependência de álcool nessas cidades estava em 11,2%. Outra pesquisa foi feita utilizando os mesmos critérios em 2005 e o índice encontrado foi de 12,3 para a dependência, nessa mesma população (CARLINI et al, 2007). O estudo não apresentou resultados específicos sobre o uso de bebida alcoólica para cada cidade, apenas por regiões.

Em uma pesquisa realizada por Martins et al (2008), com 591 estudantes das três séries do ensino médio, em uma cidade de apenas 18.000 habitantes do interior de São Paulo, utilizando-se o questionário AUDIT, 22,3% dos respondentes pontuaram 8 pontos ou mais, o que significa dizer que eles atingiram elevados níveis de consumo de bebida alcoólica. O estudo realizado na pesquisa (MARTINS et al, 2008) foi conduzido apenas junto a alunos do ensino médio. Kelly et al, 2012 também conduziram um estudo com menores de 18 anos na Austrália e verificaram que 16,95% dos jovens utilizaram bebida alcoólica no último mês, havendo maior vulnerabilidade dos adolescentes mais jovens. Em outro estudo conduzido na Inglaterra, em pequenas comunidades com maioria de moradores em área rural, Valentine et al (2007) identificaram prevalência na ingestão de bebida alcoólica por adolescentes superiores à média nacional, e uma das considerações feitas pelos jovens relacionam-se com a falta de opções de lazer na comunidade.

Observa-se nessas pesquisas que apesar da proibição da venda ou entrega de bebida alcoólica a menores de 18 anos, o primeiro uso da substância é constatado por volta dos 12 anos de idade (CARLINI et al, 2002; GALDURÓZ et al, 2004; CARLINI et al, 2007). Apesar do consumo auto relatado, quando lhes perguntado sobre o risco de beber diariamente, 95% responderam que achavam um risco grave (CARLINI et al, 2007).

Observou-se que são muitos os estudos que investigam o uso de bebida alcoólica (CARLINI et al, 2002; GALDURÓZ et al, 2004; GIGLIOTTI; BESSA, 2004; CARLINI et al, 2007; MASCARENHAS et al, 2009) mas são raros os estudos que se dedicam em buscar relações entre variáveis que interfiram ou mesmo favoreçam o comportamento alcoolista de adolescentes (PICHEROT et al, 2007; KELLY et al, 2012), e mais raros ainda os que o fazem em comunidades pequenas (MARTINS et al, 2008) ou que investiguem questões relacionadas à cultura ou a fatores socioespacial de cada grupo ou sociedade (VALENTINE et al, 2007), auxiliando na compreensão e na minimização dos problemas oriundos do uso indevido do álcool.

Objetivo

O objetivo deste estudo foi o de investigar o uso arriscado de bebida alcoólica por escolares do ensino fundamental em duas cidades do interior de São Paulo.

Método

Esta pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNESP-Marília, sob o Parecer nº 1570/2009.

O trabalho foi realizado em duas cidades do interior de São Paulo, uma com 5.000 habitantes (Cidade A) e outra com 35.000 habitantes (Cidade B), aproximadamente.

Os participantes da pesquisa foram alunos do 9º ano do ensino fundamental de uma das escolas da rede pública de ensino de ambas as cidades. Na coleta feita na cidade A 54 alunos participaram da pesquisa e na cidade B 53 alunos. Os alunos do sexo masculino foram 44,4%

USO ARRISCADO DE ÁLCOOL ENTRE ESCOLARES DE DUAS CIDADES DO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO

na cidade A e 34% na cidade B, e os do sexo feminino foram 55,6% na cidade A e 66% na cidade B. Quanto ao nível socioeconômico, na cidade A houve maior concentração de alunos no nível C1+C2, com 70%, e na cidade B também houve prevalência de alunos no nível C1+C2, com 49%. Em relação à idade, a maioria dos alunos encontrava-se com 14 anos, com 63,0% para a cidade A e 67,9% para a cidade B. A religião predominante entre os alunos que responderam à pesquisa foi a católica, com 61,1% dos respondentes na cidade A e 41,5% na cidade B. Houve ainda 22,2% de alunos na cidade A e 26,4% na cidade B, que não mencionaram qualquer religião.

Tabela 1 - Frequência de alunos do 9º ano que responderam ao questionário e percentagem das variáveis em relação ao número de alunos participantes da pesquisa nas cidades A e B, por sexo, nível socioeconômico, idade e religião.

		Cidade A		Cidade B	
		<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Alunos por Sexo	Masculino	24	44,4	18	34
	Feminino	30	55,6	35	66
Nível socioeconômico	B 1+B2	12	22,3	22	41,5
	C 1+C2	40	70	26	49
	Outros	2	3,7	5	9,5
Idade (anos)	13	7	13,0	2	3,8
	14	34	63,0	36	67,9
	15	13	24,0	11	20,8
	Outros	-	-	4	7,6
Religião	Católico	33	61,1	22	41,5
	Evangélico	8	14,8	17	32,1
	Não tem	1	1,9	-	-
	Não respondeu	12	22,2	14	26,4

Foi utilizado o questionário *Alcohol Use Disorders Identification Test* (AUDIT) para se verificar o nível de comprometimento do indivíduo com a bebida alcoólica. O AUDIT é composto de 10 questões e pontua de 0 a 40. É considerado positivo para este instrumento quem atinge 8 pontos ou mais no preenchimento do questionário, o que sugere um comprometimento com o uso de bebida alcoólica. Foi feita a análise do Alpha de Cronbach do questionário (AUDIT), a fim de se verificar a consistência interna do instrumento. Na pesquisa geral envolvendo as duas cidades, foi encontrado um Alpha de 0,79, mas quando feita a análise separadamente, em cada aplicação, foi verificado Alpha de 0,81 na aplicação com os alunos da cidade A e 0,74 na aplicação com alunos da cidade B.

A coleta de dados foi realizada nas salas de aula, após o preenchimento e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos pais ou responsáveis.

Os resultados da aplicação do questionário foram digitados em planilhas Excel e posteriormente exportados para uma planilha estatística de SPSS, para a realização dos

procedimentos de análises estatísticas. Além do Alpha de Cronbach também foram realizados testes de análise de variância, tendo como variáveis os valores brutos do AUDIT.

Resultados e discussão

Na análise dos resultados de auto relato sobre o uso de bebida alcoólica (Figura 1), o percentual de respondentes positivos para o AUDIT, e que sugere um comprometimento com o uso da bebida alcoólica, foi de 25,9% para a cidade A e 11,3% para a cidade B. Comparando estes resultados com os de outros estudos, observa-se que os índices apresentados pelos escolares da cidade A estão acima daqueles encontrados na literatura (GALDURÓZ et al, 2004; MARTINS et al, 2008; CAMPOS et al, 2011). A análise de variância para a comparação dos resultados apresentados pelos participantes das duas cidades, tendo variável dependente os valores totais do AUDIT positivo, sinalizou para os grupos efeito significativo ($F_{1, 106} = 3,955, p \leq 0,049$).

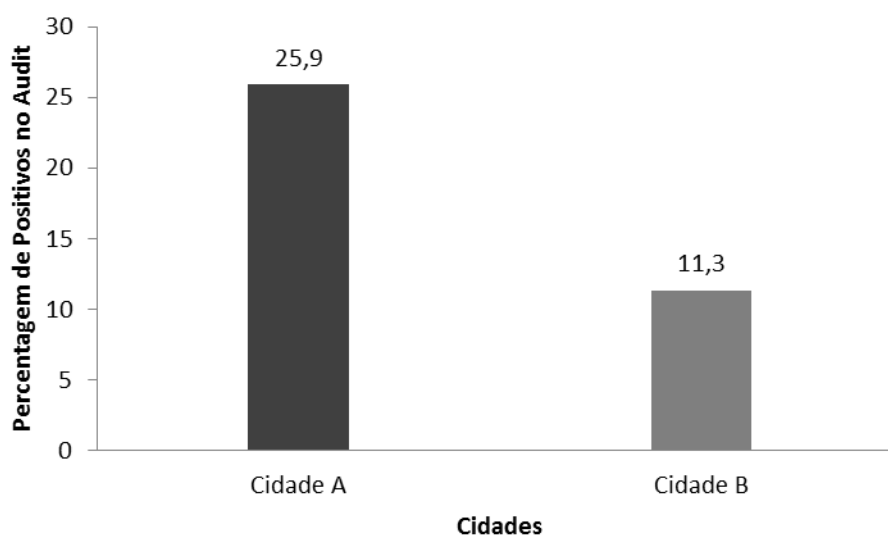


Figura 1 - Distribuição dos percentuais de resultados positivos do AUDIT nas duas cidades.

Consumo elevado de bebida alcoólica também foi verificado entre jovens de pequenas comunidades em outro país (VALENTINE et al, 2007). Em pesquisa conduzida em cidade de 18.000 habitantes, no Brasil, Martins et al (2008) encontraram índices de comprometimento de 22,3% dos escolares no uso de bebida alcoólica, utilizando-se do mesmo questionário (AUDIT) porém com alunos do ensino médio. Os índices de consumo de bebida alcoólica por adolescentes são preocupantes, pois a precocidade no uso dessa substância aumenta a probabilidade de que o jovem possa desenvolver dependência de álcool e potencializa os riscos de envolvimento em acidentes e episódios de violência (VALENTINE et al, 2007; CAMPOS et al, 2011).

USO ARRISCADO DE ÁLCOOL ENTRE ESCOLARES DE DUAS CIDADES DO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO

Na comparação dos resultados do questionário AUDIT em relação ao sexo, foi verificado que 41,7% dos meninos e 13,3% das meninas foram classificados como sendo positivos entre os respondentes da Cidade A. quando feitas as mesmas análises para os resultados do AUDIT na Cidade B verificou-se que 11,1% dos meninos e 11,4% das meninas foram classificados como positivos para o uso arriscado de álcool, como consta na Figura 2. Há diferenças entre as porcentagens apresentadas pelas meninas da cidade A (13,3) em relação à porcentagem das meninas da cidade B (11,7%), mas a maior diferença está nos resultados do Audit encontrados entre os meninos da cidade A (41,7%) e os meninos da cidade B (11,1%). Carlini et al (2007) identificaram aumento no consumo de bebida alcoólica entre bebedores do sexo feminino, verificando que a porcentagem de meninas entre 12 e 17 anos classificadas como dependentes no uso de bebida alcoólica em 2005 foi de 6,0%, ou seja, um aumento de quase 100% em relação ao ano de 2001, que esteve em 3,5% das meninas dessa mesma faixa etária (CARLINI et al, 2007). A análise de variância para a comparação dos resultados apresentados pelos meninos das duas cidades, tendo variável dependente os valores totais do AUDIT positivo, sinalizou para o grupo efeito significativo ($F_{1, 041} = 6,978, p \leq 0,012$).

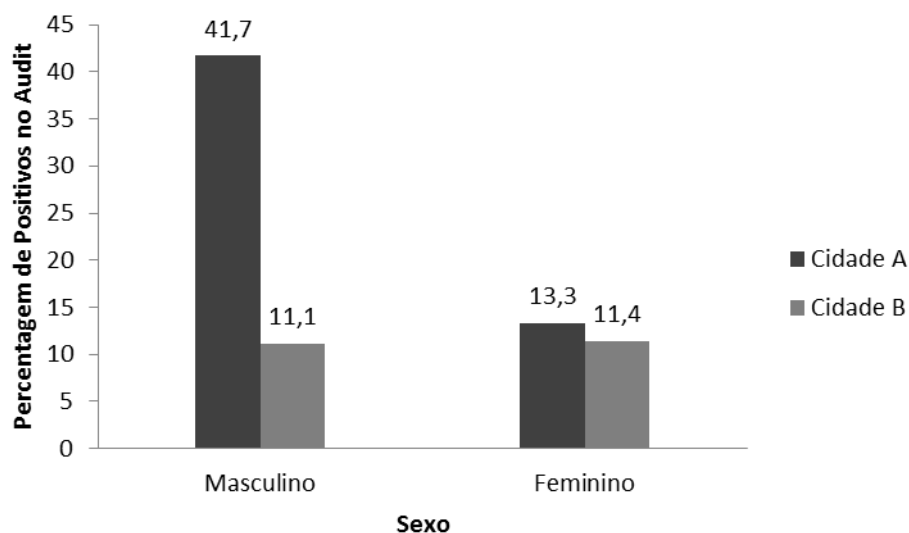


Figura 2 - Distribuição dos percentuais de resultados positivos do AUDIT, por cidades e por sexo.

Alguns estudos têm apresentado resultados semelhantes aos encontrados com os alunos da cidade B em relação ao sexo dos participantes (GALDURÓZ et al, 2004; MARTINS et al, 2008; CAMPOS et al, 2011; KELLY et al, 2012), mas em estudo algum foram encontrados percentuais tão altos como os de alunos do sexo masculino da cidade A (Masculino=41,7% e Feminino=13,3%). É importante lembrar que o uso de álcool tem sido identificado como principal responsável pelos atendimentos hospitalares resultantes de violência, com predominância entre pessoas do sexo masculino (MASCARENHAS et al, 2009).

Na Figura 3, foram realizadas análises dos percentuais de AUDIT positivo por cidade e por nível socioeconômico. Na Cidade A, entre os alunos positivos no AUDIT, 85,7% deles pertenciam à categoria C1+C2 dos níveis socioeconômicos, enquanto nas categorias B1+B2 observou-se 7,1% de alunos positivos. Quanto aos alunos da cidade B, entre os que pontuaram acima de 7 pontos (positivos no AUDIT), 50,0% pertenciam à categoria C1+C2, e 33,3% na categoria B1+B2. A análise de variância para a comparação dos resultados apresentados pelos participantes, por nível sócio econômico, tendo variável dependente os valores totais do AUDIT positivo, sinalizou para os grupos efeito também significativo ($F_{1, 099} = 2,967, p \leq 0,001$).

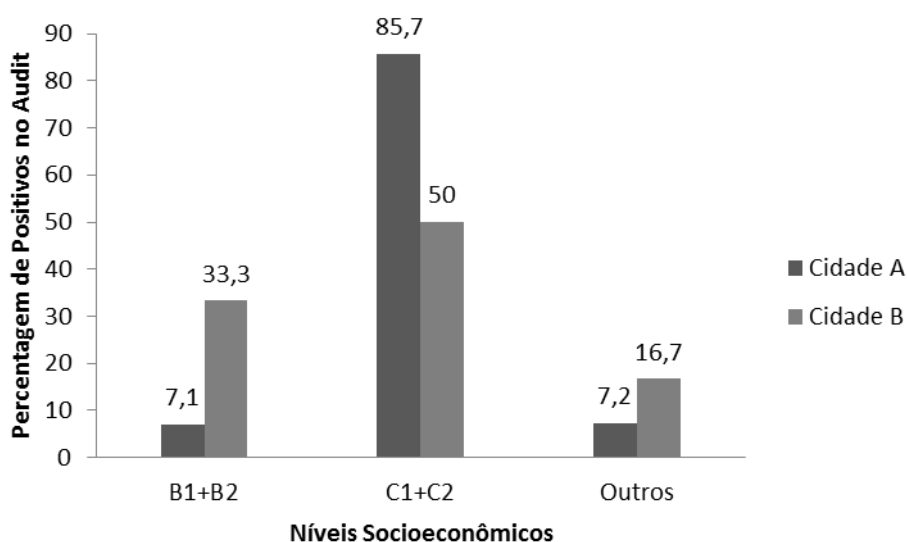


Figura 3- Distribuição dos percentuais de resultados positivos no AUDIT, por cidade e por nível socioeconômico.

Campos et al (2011) aplicaram o questionário AUDIT em 1.967 estudantes do ensino médio e identificaram significância positiva entre o risco de beber e o nível socioeconômico do indivíduo, ou seja, havia maior risco de envolvimento no uso de bebida alcoólica entre os indivíduos das classes C, D e E do que nas classes A e B. Martins et al (2008) também encontraram índices maiores de estudantes do grupo positivo para o uso de bebida alcoólica entre os escolares classificados nas classes E e D (55,3%). Observa-se, também na Figura 3, que as maiores diferenças entre as classes se concentram entre os escolares da cidade A.

USO ARRISCADO DE ÁLCOOL ENTRE ESCOLARES DE DUAS CIDADES DO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO

Conclusão

O uso de bebida alcoólica por adolescentes é uma prática observada nas mais diversas sociedades (NASH, MCQUEEN; BRAY, 2005; PICHEROT et al, 2007; VALENTINE et al, 2007; MARTINS et al, 2008), independente da legislação local, e é uma das principais causas de acidentes e violências nessa faixa etária (UNICEF, 2001; MASCARENHAS et al, 2009).

Foi identificado consumo de bebida alcoólica entre os jovens estudantes, com diferenças entre as percentagens das duas cidades pesquisadas, havendo diferenças significativas ($p \leq 0,001$) entre os meninos da Cidade A (41,7%) e da Cidade B (11,1%). Maior uso de álcool foi identificado entre os alunos classificados no nível socioeconômico C (C1+C2) nas duas cidades pesquisadas.

Após as análises feitas com os dados coletados nas duas cidades, conclui-se que houve maior frequência de alunos considerados positivos para o álcool entre os participantes da cidade A (cidade com 5.000 habitantes), tanto em relação ao sexo quanto em relação ao nível socioeconômico, o que pode sugerir que variáveis ainda não pesquisadas, como opção de lazer, inter-relações entre os indivíduos e fatores culturais podem influir no consumo de bebida alcoólica por esses jovens. Salienta-se que tais variáveis podem representar fatores de risco ou de proteção quanto à ocorrência de uso da substância.

A legislação brasileira prevê que crianças e adolescentes tenham direito de proteção à vida e à saúde, acrescentando ainda que para isso, devem ser desenvolvidas políticas públicas específicas para este fim. A mesma lei faz menção ainda acerca do direito à educação, que deve incluir o desenvolvimento pleno da cidadania (BRASIL, 1990). Ao encontro do que preconizam as leis sobre ingestão de bebida alcoólica, políticas públicas têm sido implantadas com o objetivo de minimizar os riscos de exposição de crianças e adolescentes ao uso do álcool, com consequentes riscos de acidentes e violências. Em 2007 foi instituído o Programa Interministerial “Saúde na Escola”, que inclui entre outras ações, a prevenção e redução do consumo de álcool, a serem desenvolvidas junto à rede de educação pública básica (BRASIL, 2007). O programa, que deve ser desenvolvido conjuntamente pelos setores da educação e da saúde, oferece a possibilidade de prevenção e educação básica à saúde, com abrangência inclusiva da sociedade, por meio da interdisciplinaridade e intersetorialidade (BRASIL, 2007).

Picherot et al, (2007) lembra que as ações de prevenção devem ser constantes e dependem do conhecimento prévio que se tem a respeito de cada realidade socioespacial, da cultura local e dos riscos a que estão expostos os adolescentes.

Novos estudos são necessários para se investigar quais as variáveis que diretamente ou indiretamente poderiam exercer tais influências no uso de bebida alcoólica entre os escolares, principalmente com a utilização de amostras maiores em número maior de comunidades, contribuindo para que se possa oferecer subsídios que sirvam na implementação de ações educativas preventivas a serem realizadas com a população estudada.

Referências bibliográficas:

ABDETRAN - Associação Brasileira dos Departamentos de Trânsito. **Impacto do uso do álcool e outras vítimas de acidentes de trânsito. Brasília, CETAD/RAID; p. 87, 1997.**

BRASIL. **Lei Nº 8.069, de 13 de Julho de 1990** - Estatuto da criança e do adolescente. Brasília, D.F. 1990.

BRASIL. **Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007.** Programa Saúde na Escola (PSE), Brasília, D.F., 2007.

CAMPOS, Juliana Alvares Duarte Bonini *et al.* **Consumo de álcool entre estudantes do ensino médio do município de Passos - MG.** *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 12, Dez. 2011 .

CARLINI, Elisaldo Luiz de Araujo *et al.* **I Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas no Brasil** – 2001. Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas - Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina e SENAD – Secretaria Nacional Antidrogas, p. 480, 2002.

CARLINI, Elisaldo Luiz de Araujo *et al.* **II levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país.** Brasília: CEBRID Editora Páginas e Letras, 2007.

ESCOHOTADO, Antonio. **Las Drogas: de los orígenes a la prohibición.** Madri: Alianza Editorial, 1994.

GALDURÓZ, José Carlos F. *et al.* **V Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras.** São Paulo: CEBRID/UNIFESP, 2004.

GIGLIOTTI, Analice; BESSA, Marco Antonio. **Síndrome de Dependência do Álcool: critérios diagnósticos.** *Revista Brasileira de Psiquiatria.* v. 26, suppl.1, p. 11-13, 2004.

KELLY, Adrian B. *et al.* **Very young adolescents and alcohol: Evidence of a unique susceptibility to peer alcohol use.** *Addictive Behaviors*, 37, pp. 414–419, 2012.

MARTINS, Raul Aragão *et al.* **Padrão de consumo de álcool entre estudantes do ensino médio de uma cidade do interior do estado de São Paulo.** SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas. v.4, n.1, p.01-16, 2008.

MASCARENHAS, Márcio Dênis Medeiros *et al.* **Consumo de álcool entre vítimas de acidentes e violências atendidas em serviços de emergência no Brasil, 2006 e 2007.** *Ciência e saúde coletiva*, v.14, n.5, p. 1789-1796, 2009.

USO ARRISCADO DE ÁLCOOL ENTRE ESCOLARES DE DUAS CIDADES DO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO

NAPPO Solange A.; GALDURÓZ, José Carlos F. **Psychotropic drug-related deaths in São Paulo City, Brazil**. X World Congress of Psychiatry. Madrid; 1996.

NASH, Susan G.; MCQUEEN, Amy; BRAY, James H. **Pathways to adolescent alcohol use: family environment, peer influence, and parental expectations**. J. Adolesc Saúde, v. 37: 19-28, 2005.

PICHEROT Georges *et al.* **Alcool et adolescence**. Journal de Pédiatrie et de Puériculture; 20, 8: 321-4, 2007.

SEIGEL, Ronald K. **Intoxication-** Life in Pursuit of Artificial Paradise , New York, E.P. Dutton, 1989.

SILVA, Elissandro de Freitas *et al.* **Prevalência do uso de drogas entre escolares do ensino médio do Município de São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil**. Cadernos de Saúde Pública, v.22, n.6, p. 1151-1158, 2006.

UNICEF. **A league table of child deaths by injury in rich nations**. Innocenti Report Card n. 2. Florence: UNICEF Innocenti Research Centre, 2001.

VALENTINE, Gill *et al.* **Drinking places: young people and cultures of alcohol consumption in rural environments**. Journal of Rural Studies, 24, pp. 28–40, 2007.